



MUSEUS: ESPAÇOS DE MEDIAÇÃO CULTURAL E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Silvia Sell Duarte Pillotto¹

Maria Bernadete Baran de Oliveira²

Rúbia Stein do Nascimento³

***Resumo:** Este artigo pretende provocar o leitor, no sentido de potencializar as reflexões sobre as possibilidades artísticas, estéticas e culturais de um espaço museológico. Perguntas como: quais são as funções de um museu? Qual sua inserção educativa na comunidade? Como se dão as relações entre público e espaços museológicos? Quais propostas referentes à mediação cultural têm sido desenvolvidas? E o potencial educativo cultural dos museus está envolvendo atividades de educação patrimonial? Qual o nosso papel enquanto educadoras, gestoras e cidadãs neste processo? São reflexões que permeiam este artigo, no intuito de pensar no espaço museológico a partir de outras possibilidades, de outros saberes e conhecimentos.*

***Palavras-chave:** Museu. Patrimônio. Educação.*

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende provocar o leitor, no sentido de potencializar as reflexões sobre as possibilidades artísticas, estéticas e culturais de um espaço museológico. Perguntas como: quais são as funções de um museu? Qual sua inserção educativa na comunidade? Como se dão as relações entre público e espaços museológicos? Quais propostas referentes à mediação cultural têm sido desenvolvidas? E o potencial educativo cultural dos museus está envolvendo atividades de educação patrimonial? Qual o nosso papel enquanto educadoras, gestoras e cidadãs neste processo? São reflexões que permeiam este artigo, no intuito de pensar no espaço museológico a partir de outras possibilidades, de outros saberes e conhecimentos.

Como então iniciar estas discussões? Pelo arcabouço teórico? Pelas reflexões conceituais? Foram tantos os caminhos pensados... No entanto, decidimos por iniciar com o relato Experiências no contexto de um museu: mediação cultural e formação continuada. Esta experiência foi realizada no Museu de Arte de Joinville – MAJ, em 2009 com um grupo de estagiários (monitores) da Galeria Victor Kursancew (Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior), Casa Museu Fritz Alt e professores de Arte da Rede

¹ Profa. nos Programas de Mestrado em: “Patrimônio Cultural e Sociedade” e “Mestrado em Educação” – UNIVILLE; Profa. dos cursos de Artes Visuais e Pedagogia – UNIVILLE; Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE (UNIVILLE).

² Mestre em “Patrimônio Cultural e Sociedade” – UNIVILLE; Profa. de Artes Visuais na Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior (Fundação Cultural de Joinville).

³ Acadêmica no Programa de Mestrado “Patrimônio Cultural e Sociedade” – UNIVILLE; Especialista em Museologia e Conservação de Bens Culturais.



Pública Estadual de Ensino. A escolha pela formação continuada partiu do pressuposto de que os museus são espaços que necessitam articular ações com a comunidade, em especial com as escolas, uma vez que também é produtora de identidades. Dessa forma, a primeira reflexão tem a finalidade de abordar essa temática dialogando com a experiência ocorrida no contexto do museu, explicitando seu potencial didático, pedagógico, social e cultural à produção de identidades.

Para fundamentar teoricamente esta experiência, faz-se necessário revisitar historicamente a origem dos museus e alguns conceitos que nos interessam a partir da ideia de ação compartilhada e socialização dos espaços culturais. Este será o segundo tópico deste artigo com o título Museu: espaço de pesquisa, experiências estéticas, saberes e conhecimento, ou seja, apresentar os museus como espaço de pesquisa, experiências estéticas, saberes e conhecimento. Neste item serão abordadas questões referentes à Mediação Cultural.

O terceiro tópico deste artigo, Educação Patrimonial: interfaces e interações, sustenta conceitualmente as abordagens apresentadas e instiga o leitor sobre as seguintes questões: os museus desenvolvem projetos envolvendo a educação patrimonial? Quais conceitos são trabalhados? Como se dá a inserção da comunidade nesses projetos? Quais rumos tomar?

Finalizando o artigo, mas não as reflexões, pois há muito ainda que investigar, destacamos algumas questões que nos afetaram durante a experiência realizada, bem como os estudos e pesquisas que têm fundamentado nossas posições referentes ao tema aqui tratado - Museus: espaços de mediação cultural e construção de identidades.

EXPERIÊNCIAS NO CONTEXTO DE UM MUSEU: MEDIÇÃO CULTURAL E FORMAÇÃO CONTINUADA

A ação educativa, realizada no Museu de Arte de Joinville - MAJ, ocorreu em três encontros de experiências teórico - práticas com educadores de museus, estagiários-monitores e professores de Arte. Nesses encontros, foram enfatizados os aspectos referentes aos processos de aprendizagem, conceitos em mediação cultural e questões relacionadas às possibilidades de ações e articulação entre museu e escola.

Para a realização desta ação educativa, informações foram coletadas em um diagnóstico-questionário respondido pelos envolvidos na pesquisa, aliado às pesquisas e estudos anteriores, o que contribuiu para o planejamento das propostas de ações educativas em mediação cultural, considerando as experiências dos envolvidos e o contexto do MAJ.

Pela nossa experiência e estudos, constatamos que a educação não formal em espaços museológicos é de grande importância e necessária para a formação do conhecimento em arte, consciência de cidadania e pertencimento, preenchendo uma lacuna entre comunidade, educação e museu.

Tendo em vista a necessidade da parceria entre os espaços formais e não formais da educação - escola e museu, foram realizados encontros com cada grupo específico (educadores de museu, estagiários e professores de arte), respeitando suas individualidades, experiências e conhecimentos, porém abordando os mesmos conteúdos.



A partir de estudos teóricos sobre mediação e as experiências na educação, o grupo pensou na possibilidade de construir coletivamente uma proposta de ação pedagógica, tendo como referência sete obras do Acervo do MAJ. São elas: Pandorgas (1972) de Aloísio Silveira de Souza – Florianópolis/SC; Sala com flores e moça (1974) de Suely Beduschi – Ibirama/SC; Cavalinho fantasia (1972) de Bernardo Caro – Itatiba/SP; Jardinagem (1976) de Amandos Sell – Joinville/SC; S/título (1993) de Antonio Mir - Lorca – Murcia/Espanha; Ponta seca (1993) de Fúlvio Colin - Joinville/SC e a série O circo (1997) de Juarez Machado - Joinville/SC.

Cabe salientar que as propostas de ações em mediação cultural foram pensadas para um público de estudantes/visitantes de 6 a 14 anos, pois entendemos que ações para esta faixa etária são as mais complexas, uma vez que envolvem conceitos de infância, criança e pré-adolescência. Saber quais metodologias utilizar para esse público e quais imagens enfatizar não são tarefas fáceis.

Para a realização das propostas, foi necessário também o contato do grupo com as obras, envolvendo ações de leitura, construções poéticas e reflexões teóricas. Na sequência, cada participante do grupo escolheu uma das obras como referência no intuito de construir proposições educativas específicas para a aplicação delas na escola e no museu, um desafio que motivou a criação do grupo.

Para os processos de leitura, utilizou-se a proposta de leitura crítica em museu de Ott (1997), balizada em cinco categorias: descrição (observação da obra), análise (leitura dos elementos formais), interpretação (ressignificação a partir da percepção e interação com a obra), fundamentação (conhecimento do campo da História da Arte e do contexto) e revelação (ato de expressão artística e/ou produção).

Os processos de leitura foram enfatizados durante todo o processo de formação continuada, os quais oportunizaram a construção de novas significações por meio da sensibilização, da apreciação, da interpretação, do estranhamento e da crítica. Da mesma forma, os conceitos/conteúdos que estão inseridos nas obras/objetos da arte puderam ser associados a temas sociais, culturais, psicológicos, estéticos, entre outros.

Na proposta de Ott, os processos de leitura envolvem aquecimento-sensibilização, despertando e liberando o potencial criativo dos estudantes. Processo que “[...] fornece conceitos para a crítica voltada à produção artística operando nas relações existentes entre o modo crítico e o criativo de aprender em arte-educação.” (1997, p. 126-127).

Importante considerar que mesmo utilizando Ott como um dos autores de referência na compreensão dos processos de leitura, faz-se necessário compreender também que nenhum método é capaz de dar conta da complexidade que é a leitura e o afetamento desta em nossas vidas. Mais ainda, que o mediador (professor, educador de museus, professor...) não deveria estar preso a um único método de leitura. Assim, mesmo tendo Ott como base conceitual e metodológica durante o processo, nos apropriamos de outras tantas formas de interação com as obras/objetos de arte.

Na percepção dos participantes da formação continuada, tanto dos educadores de museus quanto dos professores de arte, a mediação cultural pode ser desenvolvida antes, durante e depois das visitas de estudos. Mais do que uma simples visita, a mediação exige de professores e educadores de museus planejamento, preparação, avaliação e redefinição de ações.



A articulação entre saberes, experiências estéticas e conhecimentos é fundamental nos processos de aprendizagem, uma vez que tanto a escola quanto as instituições culturais necessitam buscar parcerias, articulando propostas de mediação cultural, levando em conta narrativas interdisciplinares, que favorecem a compreensão do sujeito com seu entorno.

Nessa experiência, o grupo compreendeu que o museu pode proporcionar experiências educacionais significativas, em que o estudante/visitante possa ter oportunidade de se apropriar do patrimônio exposto (obras/objetos de arte), promovendo a ressignificação e a formação cultural.

A compreensão, a interpretação e a participação cultural dos sujeitos implicam numa construção efetiva de identidades, nos espaços formais e não formais da educação. Confirma-se, deste modo, que a relação entre museu e escola é de grande benefício aos estudantes/visitantes, por contribuir na constituição de cidadãos éticos, sensíveis, atuantes, agindo com mais responsabilidade social.

Foi possível identificar, a partir da formação continuada, que a presença de uma equipe especializada nas instituições museológicas é de grande importância para a efetivação de ações de mediação cultural. Uma equipe que seja apta a criar/construir jogos lúdicos, oficinas artísticas, propostas de leitura, registros, entre outros, oportunizando o conhecimento prático e teórico, tendo como referência o patrimônio cultural, os espaços museológicos, as obras/objetos de arte e tudo que diga respeito às construções de identidades. Tais ações podem ser fundamentadas na história crítica de arte, já que a mediação cultural vem apropriando-se dessa vertente nos estudos das exposições temporárias e de longa duração.

Nesta perspectiva, valorizar o acervo do museu, a construção de materiais educativos, a formação continuada, o respeito à diversidade, pode garantir a verdadeira função dos espaços museológicos. Foi o que nos propusemos a fazer.

Desenvolvida a proposta para mediação cultural no MAJ, com a intenção de valorizar o seu acervo, a arte, a cultura, as identidades e a cidadania, compreendemos que as ações entre escola e museu devem ser uma constante, acompanhadas de ações de formação continuada.

Ao refletir sobre a formação continuada em mediação cultural, percebemos que tanto a escola quanto as instituições museológicas devem se envolver em propostas que possibilitem leituras de obras/objetos artísticos e do patrimônio cultural aos sujeitos. Narrativas interdisciplinares favorecem a compreensão do sujeito, podendo resultar em ampliação de saberes sociais, estéticos e culturais. Ações que priorizem o contexto sócio/cultural do estudante e do público em geral, para a construção do conhecimento e de saberes.

MUSEU: ESPAÇO DE PESQUISA, EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS, SABERES E CONHECIMENTO

Vale destacar um pouco da história do MAJ, campo de pesquisa relatada no item Experiências no contexto de um Museu: mediação cultural e formação continuada. O MAJ, antiga residência de Ottokar Döerfel, finalizada em 1864, tornou-se Museu de Arte de Joinville – MAJ em 1976.



Por suas características semelhantes às edificações das adjacências de Hamburgo, cidade localizada ao norte da Alemanha, país de origem de seu idealizador e morador, atualmente o MAJ é um sinalizador de cultura, com exposições artísticas itinerantes e algumas fixas de seu acervo, abertas à comunidade. Sua reserva técnica resguarda obras nacionais e internacionais, entre elas: esculturas, gravuras, telas e obras/objetos efêmeros.

Curioso quando abordamos questões históricas, conceituais ou metodológicas referentes aos museus. Museu - que espaço é esse? Quando surgiu? Com que finalidade? A partir do relato *Experiências no contexto de um Museu: mediação cultural e formação continuada*, abordado no item anterior, é quase impossível não falar sobre esse espaço mágico, complexo, encantador, que é o museu.

Identificamos em pesquisas, produções científicas e também pelos outros meios de comunicação como a internet, livros, periódicos, entre outros, que o universo dos museus brasileiros está em expansão e em franco e dinâmico movimento.

Quando a família real portuguesa chegou ao Brasil, em 1808, existia por aqui apenas um museu. Cem anos depois (1908), já havia 10 ou 12 museus. Expansão pequena. Movimento lento. Em dezembro de 2008, de acordo com os dados do Cadastro Nacional de Museus, existiam, no Brasil, 2.607 museus. Expansão extraordinária. Movimento acelerado. A maioria absoluta desses Museus foi criada após a segunda metade do século XX.

Qualquer que seja a especialidade ou a categoria de um museu ou lugar em que ele se situe no mundo, certos princípios éticos e de integridade profissional devem ser aplicados por aqueles que são encarregados das atividades museais, museológicas e museográficas. Relacionando as dimensões teóricas e práticas envolvidas nas políticas de patrimônio e na atuação dos museus na contemporaneidade, focalizamos a extraordinária ampliação que esses conceitos sofrem, especialmente nas últimas décadas do século XX. Como afirma Santos:

A contemporaneidade tem sido marcada por processos sociais ricos, no sentido de reconhecer a diversidade, o respeito à diferença e, sobretudo, por um forte apelo para que exerçamos a nossa cidadania, com a consciência de que podemos ser sujeitos da história. Talvez possamos afirmar que a ação participativa seja uma das características mais marcantes da contemporaneidade. (SANTOS, 1999, p. 01)

Maria Célia Moura Santos buscou apresentar uma reflexão sobre as estratégias museais, realizando uma análise em que os “Museus e as práticas museológicas estão sempre em relação com as demais práticas sociais globais, sendo, portanto, o resultado das relações humanas, em cada momento histórico” (SANTOS, 1999, p. 01). A Museologia Contemporânea procura tornar possível a execução de processos museais mais ajustados às necessidades dos cidadãos, em diferentes contextos, por meio da participação dos sujeitos com vistas ao desenvolvimento sócio-cultural.

Tomaremos como referencial a experiência vivida, nas áreas da Educação e da Museologia, destacando a importância da produção do conhecimento e a relevância da relação teoria-prática, apresentando o desenvolvimento de projetos que têm contribuído, de forma



marcante, para a melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas, tornando possível a construção de uma ação museológica, que visa à conquista da autodeterminação, reconhecendo, no patrimônio integral, um instrumento de educação e desenvolvimento. (SANTOS, 1999, p. 01)

Finalmente, podemos dizer que os museus da atualidade não se limitam a uma resposta atual às necessidades e/ou preocupações que a sociedade contemporânea encerra em sua diversidade e complexidade, ou de um pensamento e atuação que considera a musealização como algo rígido e imutável. Em uma perspectiva de base sociológica, um museu pode ser considerado uma subestrutura em permanente relação e interdependência com as restantes subestruturas que, no seu conjunto, formam o todo social.

Com efeito, o museu, independentemente do seu programa, espaço e coleções, possui em si mesmo todo o potencial e características indispensáveis para sua inserção no todo social. Resta-nos, portanto, adaptar e adequar estratégias ao constante movimento e mutações que a sociedade contemporânea apresenta em seus tecidos sócio-culturais atuais, eles próprios em constante movimento.

Cada vez mais se está compreendendo que o museu pode tornar-se um espaço com potencialidades educativas. Portanto, longe de representar o rançoso papel de local de culto ao passado, ou até mesmo de “depósitos de velharias”, os museus podem ser centros catalizadores de energia criativa das comunidades, estabelecendo uma ponte estimulante entre presente, passado e futuro.

O Museu, em nossa concepção e a partir dos teóricos estudados, é entendido como instituição que deve estar comprometida com o processo educacional, tanto no âmbito da educação formal quanto da não formal, desempenhando uma ação cultural e educativa. O museu pode ser conceituado como unidade funcional e social, e, nesta perspectiva, também como espaço dinâmico e de difusão cultural-educacional.

Neste viés, os processos educativos têm um caráter dinâmico, em transformação, contínuo e permanente que não se esgota no âmbito escolar. Cabe, então, ao professor-educador reconhecer que as aprendizagens apropriadas pelos sujeitos não se reduzem às oferecidas pela escola, e nem apenas à contemplação das coleções museológicas.

A análise da educação, portanto, está sendo aqui compreendida como um processo que tem como referencial o patrimônio cultural e natural – tangível e intangível, fundamental para que a ação educativa e os processos de aprendizagem sejam realizados. É imprescindível, e vimos isso no relato de experiência apresentado anteriormente, levar em consideração a herança cultural dos sujeitos, em um determinado tempo e espaço. As diversas áreas do conhecimento não funcionam como compartimentos estanques, pois fazem parte de uma grande diversidade. Trata-se do resultado de uma teia de relações em que cultura, arte, ciência e tecnologia, em cada momento histórico, são construídas e reconstruídas pela ação do sujeito, produtor de cultura e de conhecimento.

Nesse sentido, entendemos que a escola é uma instituição que integra o patrimônio de uma sociedade, resultado da herança cultural construída pelos sujeitos sociais ao longo dos tempos, e que os museus também participam do processo educacional, com suas ações educativo-museológicas e de mediação cultural.



Desta forma, repensar a tradição, a herança cultural, os conhecimentos, os saberes e fazeres e reconstruí-los é missão primordial da escola. O legado cultural deve ser o referencial básico para a apresentação de novos problemas e novas abordagens, o que só poderá ser conseguido por meio da pesquisa, do ensino e da socialização desses conhecimentos e saberes, considerado como princípio educativo.

A pesquisa, segundo Demo (1996), deveria ser o caminho a ser percorrido, no sentido de estabelecer uma relação afetiva entre a educação e a cultura, visando à apropriação, à reapropriação e à criação de novos patrimônios culturais. Para isto, o museu e a museologia, associados a projetos de pesquisa escolares, constituiriam um fazer museológico compreendido como um processo caracterizado pela aplicação das ações de pesquisa, preservação, comunicação, educação e difusão científica do conhecimento.

Perceber a ação museológica como ação educativa significa, portanto, caracterizá-la como ação de difusão do conhecimento, porque é buscando as interfaces das ações de pesquisa, preservação e comunicação que conseguiremos nos distanciar da compartimentalização das disciplinas escolares. Vale ressaltar que o estabelecimento de metas e objetivos educacionais não deveriam se esgotar na aplicação da técnica isolada e descontextualizada. Evitaríamos, assim, a dissociação entre os meios e o fim. Portanto, o processo museológico é um processo educativo e de comunicação, capaz de contribuir para que o sujeito possa ver a realidade e expressar essa realidade, qualificada como patrimônio cultural.

Os métodos e as técnicas a serem utilizados em projetos a serem desenvolvidos pelos museus e pelas escolas podem, em nosso entender, estar apoiados nas concepções contemporâneas de educação, de museologia, de museus, de patrimônio, de identidades, de memória e de cidadania. Estes também podem ser adaptados aos diferentes contextos, aos anseios e expectativas dos diversos grupos com os quais estejamos atuando, sendo avaliados e repensados constantemente. Também podem ser alterados e transformados por meio da nossa potencialidade criativa e capacidade de ousar, realizando um processo constante de ação e reflexão, no qual teoria e prática estejam sempre em interação.

MEDIAÇÃO CULTURAL

A mediação cultural é postura e ação que não visa somente relacionar às qualidades formais dos objetos e expressões artísticas. Leva em conta, também, as concepções históricas, estéticas e culturais, com possibilidades de significados e de interação entre público, obra/objeto e espaço. Visa, também, possibilitar ações, nas quais se potencializa a interação, através da observação das características culturais de uma sociedade e de ações em educação patrimonial.

No espaço do museu, a ação pedagógica ao longo de uma visita de estudos e os encaminhamentos metodológicos são decisivos na apropriação e produção de sentidos do público. Este movimento possibilita criar ações que ampliam “[...] a leitura e a compreensão do mundo e da cultura” (PANOFISKY apud MARTINS, 2005, p. 17). Um



aprendizado que proporciona uma apropriação de conhecimentos, abrindo espaços para a experiência estética, favorecendo novas significações, pois a experiência “[...] se acumula e se prolonga, vai além do próprio tempo” (CARVALHO, 2005, p. 126).

A mediação cultural importa, como afirma Ganzer, é uma ação educativa atuante entre as instituições escolares e culturais. Isto traz à tona “[...] a possibilidade de transformação da expectativa, do assombro e do encantamento em situações de aprendizagem...” (GANZER, 2005, p. 86-87). Assim, demanda um constante desenvolvimento para que museus e escolas atuem como agentes multiplicadores de saberes.

O público necessita ampliar seu repertório, por meio da construção de sentidos e da relação entre presente–passado–presente, a fim de compreender e estabelecer relações com as imagens produzidas historicamente.

Nesta trama simbólica, a ação é estabelecida quando as obras/objetos de arte, imagens são interpretadas, significadas e resignificadas com base na interação, considerando o conhecimento do contexto cultural. “Para isso não basta expor o aluno a um mundo de imagens, é preciso que, através de sua ação, ele componha e decomponha as imagens para apropriar-se delas” (PILLAR e VIEIRA, 1992, p. 10). Esta apropriação, a partir de atividades mediadas “[...] só pode visar a alguma eficácia se voltada para a educação das imagens em sua especificidade [...] propriamente artística e estética” (FAVARETTO, 2007, p. 33-34).

A experiência estética “[...] é a relação sensível com o mundo, uma postura diante das coisas, um momento em que nos encontramos em presença de algo que provoca emoção, imaginação, cognição, presencialidade” (MARTINS, 2005, p. 126). Desta forma, no momento da interação/apreciação, a participação do sujeito é fundamental, as afetações acontecem nas relações entre corpo, mente e obra. Dewey (1974), citado por Martins, afirma que:

Não é possível separar, numa experiência vital, o prático, o emocional e o intelectual uns dos outros, e pôr as propriedades de um em oposição aos outros. [...] seus diferentes constituintes formam uma experiência integral, [...] suas várias partes estão ligadas umas às outras, e não apenas sucedem uma à outra. (DEWEY apud MARTINS, 2005, p. 126).

A ação mediadora, conforme Martins (2007), pode tornar-se um ato provocativo de experiências, a partir de ações planejadas antecipadamente, ações amplas; uma “ponte” de conexão entre obra/objeto, espectador e mediador.

[...] a própria ação mediadora, compreendida não como uma ponte entre quem sabe e quem não sabe, entre a obra e o espectador, mas como um “estar entre muitos” [...] nos coloca na posição de quem também há de viver uma experiência, estendendo-a aos outros, uma vez que a vivemos com intensidade. (MARTINS, 2007, p. 07)

Para Favaretto, estas ações são “[...] táticas que materializam uma estratégia geral, que é social e cultural, através da arte – com a arte e não pela arte, simplesmente” (FAVARETTO, 2007, p. 33). Na visão de Perkins, “O olhar para a arte convida,



recompensa e encoraja um temperamento atencioso, porque obras de arte requerem atenção a fim de se descobrir o que eles têm para mostrar e dizer” (PERKINS apud EFLAND, 2005, p. 186).

Assim, no trabalho de mediação cultural, é possível criar ações que ampliam “[...] a leitura e a compreensão do mundo e da cultura” (PANOFISKY apud MARTINS, 2005, p. 17). Um aprendizado que proporciona uma apropriação de conhecimentos, abrindo espaços para a experiência estética, favorecendo a novas significações, pois a experimentação “[...] se acumula e se prolonga, vai além do próprio tempo” (CARVALHO, 2005, p. 126).

As experiências que temos com a arte/cultura podem proporcionar uma compreensão mais significativa do mundo, pois “[...] diante do turbilhão de informações efêmeras, fragmentadas e aceleradas, o homem moderno vê-se incapaz de incorporar à sua memória as impressões do vivido” (CARVALHO, 2005, p. 126). Nessa imensa quantidade de imagens e informações, configura-se, muitas vezes, o não entendimento do público com relação às imagens das mídias contemporâneas e a arte, prevalecendo, assim, o entendimento dessas imagens por uma “pequena minoria”.

Políticas de ações em que o mediador cultural facilita a compreensão e estabelece com o observador uma empatia em relação às obras/objetos expostos, torna-o ativo culturalmente. Para isso, pressupõe-se a atuação de um profissional capacitado, pois, através de suas ações, “[...] organiza situações que provoquem o desenvolvimento do poder da mente, incluindo imaginação, por meio da criação e da reflexão” (EFLAND, 2005, p. 187). Esse tipo de ação oportuniza tornar a arte/cultura acessível a um público diversificado.

Nesse sentido, novas propostas educativas devem ser proporcionadas ao público, observando as faixas etárias e o grau de conhecimento, priorizando parcerias entre escola e comunidade. Conforme Leite, “Isso requer, sobretudo, uma mudança na mentalidade, sobre a visitação dos museus, sobre o papel da visita dirigida, dos monitores, etc.” (LEITE, 2005, p. 51).

A característica da educação não formal, para Simson, Parks e Fernandes, está na “[...] maneira diferenciada de trabalhar com a educação, paralelamente à escola” (SIMSON, PARKS e FERNANDES, 2001, p. 9). Para os autores, esta maneira de educar permite criar ações em locais de cultura (museus, galerias, bibliotecas, atelier), com o intercâmbio de experiências, ampliando o conhecimento de todos os envolvidos, por meio de “[...] uma relação prazerosa com o aprender” (2001, p. 10).

Suas ações beneficiam a coletividade, proporcionando a investigação e a participação de todos os membros de um grupo de forma igualitária (professores, educadores de museus, estudantes, comunidade de forma geral). O pertencimento é uma das características que se destaca na educação não formal, “[...] não há como pensar a educação não formal desconsiderando a comunidade, pois é difícil o envolvimento voluntário das pessoas com algo com o qual não se identificam.” (SIMSON, PARKS e FERNANDES, 2001, p. 11).



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: INTERFACES E INTERAÇÕES

Nas questões abordadas anteriormente, a educação patrimonial se faz presente, seja nos aspectos conceituais, ou nos metodológicos. Lidar com abordagens educacionais, culturais e estéticas é, também, pensar na preservação do patrimônio cultural. É lidar com o espelho de um país composto por muitas culturas, pautado na diversidade e, muitas vezes, na adversidade, por conta do não entendimento dessa multiplicidade de saberes e fazeres.

Em nossos diálogos com os autores selecionados para esta reflexão, destacamos a relevância de perceber o conhecimento, os saberes, os registros e os fazeres culturais como instrumentos potencializadores que podem se constituir em processos de novas informações, estímulos e novos significados. A possibilidade de se estabelecer uma reciprocidade entre sujeito e meio cultural torna o saber específico coerente e significativo. Para tanto, se faz necessária a interação entre sujeitos e meio cultural pela percepção de que o outro pode revelar e fornecer conhecimentos, saberes e costumes que servirão de subsídios para a preservação, comunicação e acesso a toda a produção humana (material e imaterial).

A responsabilidade de assumir, enquanto cidadãos e profissionais de preservação do patrimônio, um envolvimento participativo no processo de fortalecimento de bens culturais patrimonializados, reflete-se na compreensão de educação patrimonial como um poderoso instrumento que favorece o entendimento e o comprometimento na construção de um valoroso universo sócio-cultural.

Uma nova postura sobre a preservação e conservação do patrimônio, tanto individual quanto coletivo, pode estar fundamentada na valorização que uma comunidade, a partir de seus membros, passa a outorgar e refletir quando do fortalecimento e valorização de suas diferenças, de suas memórias, de suas histórias em um processo de autoconstrução de sua própria identidade.

A educação patrimonial proporciona aos participantes a revalorização de seu patrimônio pessoal e o espelhamento da emoção sentida para o patrimônio coletivo. Trata-se do processo de conhecer, registrar e apropriar-se de suas experiências e vivências ao longo de suas vidas, inserindo-se como personagens atuantes de sua própria história. É compreender que, quanto mais perceberem sua importância em seu meio, mais estarão aptos a apropriarem-se das influências do mundo sem abdicarem ou rechaçarem do seu próprio mundo. Boff expressa sua preocupação com o posicionamento humano em relação aos seus pares e demais seres viventes. E, então, questiona:

Que compreensão de ser humano está submetida no projeto científico-técnico de dominação da natureza? A resposta mais provável será: o ser humano se entende (ilusoriamente) como o ápice do processo de evolução, o centro de todos os seres (antropocentrismo) e considera que as demais coisas, especialmente a natureza, só têm sentido quando ordenadas ao ser humano; ele pode dispor delas ao seu bel-prazer. Que imagem de ser humano projetamos quando o descobrimos como um ser-no-mundo-com-outros sempre se relacionando, construindo seu habitat, ocupando-se com as coisas, preocupando-se com as pessoas, dedicando-se àquilo que lhe representa, importância e valor e dispondo-se a sofrer e a



alegrar-se com quem se sente unido e ama? A resposta mais adequada será: o ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano. (BOFF, 1999, p. 35)

Um pensamento que nos permite refletir: até quando as pessoas vão, efetivamente, se preocupar com a preservação de seus patrimônios? Quando perceberão a necessidade de cuidados básicos tanto com o patrimônio cultural quanto com o patrimônio natural, tangível e intangível?

BREVES CONSIDERAÇÕES

A demasiada aceleração do ritmo histórico, com tantas novas tecnologias inventadas e produzidas pelo homem, acaba por levantar novos desafios, entre eles a necessidade de transformação dos paradigmas que orientam as ações de interpretação do mundo. A sociedade precisa de mudanças imediatas na forma de ampliar suas possibilidades de ver/olhar e agir sobre o seu contexto sócio-histórico-cultural, com processos educativos, sejam eles formais ou não-formais.

Interessante inserir questões relacionadas à memória e à história de vida, tornando-as articuladoras de conteúdos específicos que envolvem as diversas áreas do conhecimento. Para que isso ocorra, é necessário que atividades, procedimentos, estratégias e metodologias relacionadas às ações educativo-culturais adquiram novos significados no processo de construção de uma sociedade democrática, participativa e socialmente justa.

Nesta perspectiva, vale romper com alguns paradigmas que ainda rondam a educação e, mais precisamente, a educação patrimonial. Afastar a visão positivista que nos assombra por sua racionalidade instrumental e econômica, bem como por seus estreitos pontos de vista. E, então, “como fazer” uma educação patrimonial nos espaços museológicos e na escola?

Talvez, um dos possíveis caminhos seja investir na formação continuada, tanto dos educadores de museus, quanto dos professores, aqueles que fazem a ponte entre a escola e os espaços culturais.

Para que a educação formal possa cumprir seu importante papel social, cada vez mais procurado e cobrado na sociedade atual, se faz necessário um permanente esforço e vontade política para a efetiva inserção da educação patrimonial no cotidiano escolar.

Dentre as barreiras a serem transpostas está a compreensão dos atores escolares acerca da necessidade de investimentos pessoais e coletivos tanto no que diz respeito à formação, quanto à elaboração de materiais, estratégias e caminhos que possibilitem a produção de conhecimentos que venham a promover mudanças na compreensão do ambiente sócio-histórico-cultural e nos modos de ser e fazer. Além disso, é fundamental que pensemos em políticas públicas que priorizem o diálogo entre a educação formal e não formal, e que os Projetos Educativos tanto da escola, quanto dos espaços não formais, percebam a importância dessa articulação e busquem alternativas para concretizá-la.

**REFERÊNCIAS**

- BOFF, L. Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CARVALHO, M. (art.) Espaços de Cultura e Formação de Professores/Monitores. In: Museu, Educação e Cultura: encontro de crianças e professores com a arte. LEITE; OSTETO (orgs.). Campinas: Papirus, 2005.
- DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1996.
- EFLAND, Arthur D. (art.). Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno. GUINSBURG e BARBOSA. In: O pós modernismo. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FAVARETTO, Celso. Entre a proximidade e o estranhamento: a mediação e o público. MARTINS; SCHULTZE; EGAS (orgs.). In: Mediando [con]tatos com arte e cultura. São Paulo: UNESP/Instituto de Artes. Pós-graduação; v.1, nº1, novembro 2007.
- GANZER, A. A. (art.) Turbilhão de Sentimentos e Imaginações: As crianças vão ao museu ou ao castelo... LEITE; OSTETO (orgs.). In: Museu, educação e cultura: encontro de crianças e professores com a arte. Campinas: Papirus, 2005.
- KOHAN, Walter Omar. Infância. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.
- LEITE, M.I. art. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: LEITE, M.I. et OSTETO, L.E. (orgs.). Museu, educação e cultura: Encontro de crianças e professores com a arte. Série Ágere. Campinas: Papirus, 2005.
- MARTINS, Mirian C. Expedições instigantes. In Mediação: provocações estéticas. MARTINS, M. C.(org.). São Paulo: UNESP/Instituto de Artes. Pós Graduação; v.1, nº1, outubro 2005.
- MARTINS, Mirian C. [Con]Tatos com mediação cultural: um ciclo de conversações no SESC Pinheiro/SP. In; MARTINS; SCHULTZE; EGAS (orgs.). Mediando [Con]Tatos com arte e cultura. São Paulo: UNESP/Instituto de Artes. Pós-graduação; v.1, n1, nov. 2007.
- OTT, Robert W. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana M. Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.
- PILLAR, Analice; VIEIRA, Denise. O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte. Porto Alegre: UFRGS/Fundação Iochpe, 1992.
- SANTOS, Maria Célia T. Moura. Repensando a ação cultural e educativa dos Museus. 2ed. ampliada. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1999.
- SIMSON, PARKS, e FERNANDES (Orgs.) Educação não-formal: Cenários de criação. Campinas: UNICAMP, 2001.

ABSTRACT: *This work intend to provoke reflections on the artistic, aesthetics and cultural possibilities of a museological space. Questions as: what are the functions of a museum? Which is the educational impact on the community? How are the relations between public and museological spaces? Which proposals of cultural mediation have been developed? The museums educational and cultural potential is involving patrimonial education activities? What is our role as educators, managers and citizens on this process? Those are the reflections that guide this article with the intent of think about the museological space from other possibilities and other knowledges.*

KEYWORDS: *Museum. Cultural Heritage. Educa*